

ENFERMEIRO E VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E CUIDADO HUMANIZADO

NURSE AND OBSTETRIC VIOLENCE: PREVENTION STRATEGIES AND HUMANIZED CARE

VIOLENCIA ENTRE ENFERMERAS Y OBSTETRICIA: ESTRATEGIAS DE PREVENCIÓN Y ATENCIÓN HUMANIZADA

Gabriel Oliveira Braga¹

Juliana Ribeiro de Carvalho²

Wanderson Alves Ribeiro³

Felipe Castro Felicio⁴

Enimar de Paula⁵

RESUMO: A violência obstétrica é uma forma de violência social e institucional que viola a dignidade, a autonomia e a saúde das mulheres durante a gestação, o parto e o puerpério. Caracteriza-se por práticas desumanizadoras, intervenções desnecessárias, agressões verbais, contenção física e negação de cuidado. Apesar de reconhecida como problema de saúde pública, ainda há escassez de pesquisas e falta de consenso conceitual, dificultando políticas eficazes de enfrentamento. Este estudo busca analisar o papel do enfermeiro na prevenção e no combate a essa violência por meio de uma revisão bibliográfica (2020–2025). Dos 40 estudos identificados, 11 foram incluídos. Os resultados indicam que o enfermeiro atua de forma estratégica na humanização da assistência, oferecendo escuta qualificada, acolhimento e respeito à autonomia da mulher em todas as etapas do cuidado. A adoção de práticas baseadas em evidências e a formação ética são essenciais para prevenir abusos e fortalecer o protagonismo feminino. Conclui-se que enfrentar a violência obstétrica exige melhorias nas políticas públicas, na formação profissional e o compromisso da enfermagem com práticas empáticas, éticas e humanizadas, reafirmando seu papel fundamental na promoção de um parto seguro e livre de violência. 471

Descritores: Violência obstétrica. Enfermagem. Humanização do parto. Autonomia feminina. Cuidado humanizado. Pré-parto.

¹Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).

²Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG).

³ Enfermeiro. Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EEAAC/UFF). Docente do curso de Graduação em Enfermagem. Professor dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu em Enfermagem em Neonatologia e Pediatria; Enfermagem em Obstetrícia; Enfermagem em Emergência e Terapia Intensiva; Fisioterapia em Terapia Intensiva; e Fisioterapia em Neonatologia e Pediatria. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Vigilância em Saúde da Universidade Iguaçu (UNIG).

⁴Enfermeiro. Especialista em Urgência e Emergência; Especialista em Terapia Intensiva. Especialista em Saúde da Família; Mestre em Saúde Materno - infantil - UFF; Professor Assistente de Enfermagem - UNIG.

⁵Enfermeiro. Especialista em Enfermagem Obstetrica – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Mestre em Saúde Materno – Infantil – Faculdade de Medicina – UFF.

ABSTRACT: Obstetric violence is a form of social and institutional violence that violates women's dignity, autonomy, and health during pregnancy, childbirth, and the postpartum period. It is characterized by dehumanizing practices, unnecessary interventions, verbal aggression, physical restraint, and denial of care. Despite being recognized as a public health issue, there remains a scarcity of research and a lack of conceptual consensus, which hinders the development of effective policies to address it. This study aims to analyze the role of nurses in preventing and combating this form of violence through a literature review (2020–2025). Of the 40 studies identified, 11 were included. The results indicate that nurses play a strategic role in the humanization of care by providing qualified listening, support, and respect for women's autonomy at all stages of care. The adoption of evidence-based practices and ethical training is essential to prevent abuse and strengthen women's protagonism. It is concluded that addressing obstetric violence requires improvements in public policies, professional training, and a commitment from nursing to empathetic, ethical, and humanized practices, reaffirming its fundamental role in promoting safe, respectful, and violence-free childbirth.

Keywords: Obstetric violence. Nursing. Humanization of childbirth. Women's autonomy. humanized care. Prenatal care.

RESUMEN: La violencia obstétrica es una forma de violencia social e institucional que atenta contra la dignidad, la autonomía y la salud de las mujeres durante el embarazo, el parto y el puerperio. Se caracteriza por prácticas deshumanizantes, intervenciones innecesarias, abuso verbal, sujeción física y denegación de atención. A pesar de reconocerse como un problema de salud pública, existe una escasez de investigación y una falta de consenso conceptual, lo que dificulta la implementación de políticas eficaces para abordarlo. Este estudio analiza el papel de la enfermería en la prevención y la lucha contra esta violencia mediante una revisión bibliográfica (2020-2025). De los 40 estudios identificados, se incluyeron 11. Los resultados indican que el personal de enfermería actúa estratégicamente para humanizar la atención, ofreciendo escucha activa, apoyo y respeto por la autonomía de las mujeres en todas las etapas de la atención. La adopción de prácticas basadas en la evidencia y la formación ética son esenciales para prevenir el abuso y fortalecer el empoderamiento femenino. Se concluye que para afrontar la violencia obstétrica se requieren mejoras en las políticas públicas, la formación profesional y el compromiso del personal de enfermería con prácticas empáticas, éticas y humanizadas, reafirmando su papel fundamental en la promoción de un parto seguro y libre de violencia.

472

Palabras clave: Violencia obstétrica. Enfermeira. Humanización del parto. Autonomía feminina. Atención humanizada. Atención prenatal.

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica é uma forma recorrente de violência social, caracterizada por agressões e danos durante o cuidado obstétrico profissional. Manifesta-se na apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres por meio de práticas desumanizadoras, intervenções médicas excessivas e patologização de processos naturais. Essas condutas comprometem a autonomia feminina e afetam negativamente sua qualidade de vida. (Cordeiro *et al.*, 2022).

Esse fenômeno pode ocorrer durante a gestação, parto e puerpério, manifestando-se em humilhações verbais, práticas invasivas, negação de tratamento, contenção física da mulher, uso

desnecessário de medicamentos e intervenções médicas forçadas, entre outras. Por esse motivo, a violência obstétrica é considerada uma questão de saúde pública. (Bitencourt *et al.*, 2023).

O tema exige atenção especial, pois envolve a experiência de muitas mulheres em um momento tão significativo. A prevenção dessa violência e a promoção de um cuidado humanizado requer a atuação de enfermeiros devidamente capacitados para oferecer acolhimento, escuta qualificada e respeito à autonomia da gestante. Esse profissional desempenha papel estratégico desde o pré-natal até o puerpério, orientando e apoiando a mulher de forma ética e humanizada (Sousa *et al.*, 2021; Lima *et al.*, 2022).

Em 2019, o Ministério da Saúde atestou o direito legítimo das mulheres de empregar o termo que melhor sintetiza suas experiências no âmbito da assistência ao parto e nascimento. Dessa forma, situações caracterizadas por maus-tratos, desrespeito, abuso e adoção de práticas desprovidas de respaldo em evidências científicas podem ser compreendidas pelas mulheres como formas de violência obstétrica.

A violência obstétrica é um problema relevante, mas ainda pouco explorado pela literatura científica, especialmente quanto aos seus impactos na saúde física e mental da mulher. Uma das principais dificuldades enfrentadas pelas pesquisas é a ausência de consenso conceitual e a falta de instrumentos validados para a avaliação dessa prática, o que compromete a construção de políticas de enfrentamento (Bitencourt *et al.*, 2023).

A relação das mulheres com o ato de parir, muitas vezes marcada pela desinformação, contribui para a perpetuação de práticas abusivas. É essencial garantir que gestantes recebam informações claras e baseadas em evidências durante o pré-natal, o trabalho de parto, o parto e o puerpério, favorecendo sua autonomia e reduzindo a vulnerabilidade a situações de violência (Oliveira; Elias; Oliveira, 2020).

Pesquisas apontam que a vivência da violência obstétrica pode gerar consequências graves, como depressão pós-parto, ansiedade, dificuldades na amamentação, percepção da maternidade, redução da adesão aos serviços de saúde e afetar a relação mãe e filho. Além disso, compromete o julgamento da qualidade do atendimento recebido, podendo influenciar de forma negativa a decisão sobre futuras gestações e partos (Leite *et al.*, 2022).

Nesse contexto, torna-se necessário compreender quais formas de violência são mais recorrentes durante o atendimento obstétrico, analisando desde práticas físicas e verbais até condutas institucionais que desrespeitam a autonomia da mulher. Assim também como

investigar qual é o papel desempenhado pelo enfermeiro frente a violência obstétrica e de que maneira sua formação profissional influencia a qualidade do cuidado prestado.

Além de buscar identificar quais as práticas podem ser implementadas pelos enfermeiros para assegurar um atendimento mais respeitoso, humanizado e alinhado aos direitos das mulheres durante o processo de parto e nascimento.

A violência obstétrica é uma realidade dolorosa que compromete a dignidade, a segurança e o conforto das mulheres em momentos cruciais de suas vidas: a gravidez, o parto e o pós-parto. Mesmo com os avanços nas políticas de humanização, práticas desrespeitosas e intervenções sem respaldo científico ainda persistem nos serviços de saúde, evidenciando desigualdades de gênero e fragilidades no sistema de atenção obstétrica (Costa *et al.*, 2020).

Nesse contexto, o enfermeiro assume papel estratégico por acompanhar a mulher em todas as fases do cuidado, do pré-natal ao puerpério, atuando como protagonista na garantia de um atendimento respeitoso e humanizado. A prática de enfermagem centrada na escuta ativa, no acolhimento e na promoção da autonomia fortalece o protagonismo feminino e contribui para reduzir situações de violência obstétrica (Oliveira *et al.*, 2021).

A adoção de condutas éticas e humanizadas pela enfermagem obstétrica constitui ainda uma forma de resistência à violência institucional, consolidando a confiança entre a mulher e os serviços de saúde (Silva; Dullius, 2024). Desse modo, analisar a atuação do enfermeiro no enfrentamento desse fenômeno é fundamental para ampliar o debate científico, subsidiar políticas públicas e fomentar uma prática baseada no respeito e na dignidade.

Este estudo apresenta implicações relevantes em diferentes dimensões. Para a saúde pública oferece contribuições para o aprimoramento de protocolos e políticas alinhadas às diretrizes da OMS e do Ministério da Saúde, favorecendo a humanização do parto, a redução de intervenções desnecessárias e a melhoria dos desfechos materno-infantis.

Na esfera da enfermagem e da formação acadêmica, reforça a valorização profissional, contribui para o aprimoramento curricular na graduação e pós-graduação e estimula novas pesquisas sobre modelos de cuidado e barreiras à humanização. Quanto ao fortalecimento dos direitos, colabora para o empoderamento das mulheres no reconhecimento e exigência de seus direitos e reforça o compromisso ético dos profissionais de saúde em garantir uma assistência respeitosa e livre de violência.

Em síntese, trata-se de um estudo que não apenas identifica fragilidades, mas aponta caminhos para a transformação do cuidado obstétrico, consolidando a enfermagem como protagonista na promoção de um parto seguro, humanizado e digno.

Este estudo tem como objetivo analisar o papel do enfermeiro frente ao combate e prevenção da violência obstétrica, buscando promover um atendimento humanizado e de qualidade às mulheres ao longo da gestação, do parto e do pós-parto. Logo, pretende identificar as formas mais comuns de violência obstétrica presentes no atendimento à saúde da mulher, observar as estratégias adotadas pelo enfermeiro no enfrentamento desse fenômeno, com ênfase em práticas éticas, humanizadas, reconhecer as ações de cuidado que podem ser implementadas para prevenir abusos e assegurar o respeito aos direitos das mulheres.

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, fundamentada na análise crítica de produções científicas publicadas entre 2020 e 2025 que abordaram a violência obstétrica e a atuação do enfermeiro na promoção de práticas humanizadas. A revisão bibliográfica constituiu-se em um método que permitiu reunir, organizar e interpretar informações relevantes e atualizadas sobre o tema, oferecendo subsídios para a prática profissional e para o avanço da discussão acadêmica. Tratou-se de uma estratégia essencial para identificar avanços, lacunas e tendências da produção científica, além de fortalecer a fundamentação teórica da enfermagem frente ao enfrentamento da violência obstétrica (Cordeiro *et al.*, 2022; Bitencourt *et al.*, 2023).

475

A busca dos estudos foi realizada entre os meses de setembro de 2024 até setembro de 2025, nas bases de dados PubMed, SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), LILACS e MEDLINE, Google Scholar (Google Acadêmico). Foram utilizados descritores em português e inglês, controlados segundo os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), tais como: “violência obstétrica”, “enfermeiro”, “pré-natal”, “atendimento humanizado”, “prevenção”, “obstetric violence”, “nurse” e “humanized birth”. Esses termos foram combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR a fim de ampliar a sensibilidade e especificidade das buscas e garantir maior abrangência nos resultados obtidos.

Foram considerados como critérios de inclusão artigos publicados entre janeiro de 2020 e setembro de 2025, em português, inglês ou espanhol, disponíveis na íntegra e de forma gratuita, que apresentaram dados e discussões sobre a violência obstétrica e atuação do enfermeiro na

humanização do cuidado. Foram adotados como critério de exclusão materiais duplicados entre bases, editoriais, resumos, cartas, dissertações e estudos que não mantiveram relação direta com a temática proposta.

O processo de seleção ocorreu em três etapas: primeiramente, foi realizada a leitura de títulos para verificar a pertinência com a temática; em seguida, foram eliminados artigos e duplicatas que não atendiam aos critérios estabelecidos; por fim, efetuou-se a leitura completa dos textos elegíveis, compondo a amostra final da revisão. O procedimento resultou em 11 artigos incluídos, após a identificação de 40 estudos e a exclusão dos que não atenderam aos requisitos de inclusão.

A análise dos artigos foi realizada de forma crítica, o que permitiu identificar convergências, divergências e lacunas nas propostas apresentadas pelos autores. Esse processo possibilitou compreender como o enfermeiro atua como agente fundamental na prevenção e combate à violência obstétrica, reforçando práticas éticas, humanizadas e centradas na dignidade da mulher (Sousa *et al.*, 2021; Lima *et al.*, 2022).

Cabe mencionar que os textos em língua estrangeira foram excluídos devido o interesse em embasar o estudo com dados do panorama brasileiro e pela necessidade de garantir melhor compreensão através da leitura de textos completos e disponíveis na íntegra.

476

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos critérios estabelecidos para a pesquisa, foram identificados inicialmente 25 artigos por meio das plataformas Google Acadêmico, LILACS, SciELO, BVS, PubMed, MEDLINE. Após a triagem inicial, ampliou-se o número para 40 textos analisados e na etapa de leitura aprofundada. Destes, 11 foram selecionados por apresentarem maior relevância e alinhamento com os objetivos do estudo. As informações coletadas de cada produção científica foram organizadas em um instrumento próprio, permitindo a sistematização dos dados referentes a autoria, ano de publicação, metodologia, resultados e conclusões.

A Quadro 1 apresenta de forma estruturada o processo de seleção e os critérios de inclusão utilizados nesta revisão.

Nº	Autor(es)	Ano	Método	Resultados	Conclusões
1º	BITENCOURT, Angélica de Cássia; OLIVEIRA, Samanta Luzia de; RENNO, Giseli Mendes.	2023	Revisão Qualitativa Descriptiva	Destacar a violência verbal como a forma mais frequente, associada à relação equipe-parturiente, preparo insuficiente e falhas institucionais.	Evidencia a necessidade de estratégias para inibir a violência obstétrica, com capacitação profissional e orientação às mulheres sobre seus direitos.
2º	CORDEIRO, Rafaela Martins et al.	2022	Revisão Bibliográfica Narrativa	Mostrar a violência obstétrica como algo recorrente e o papel central do enfermeiro no acolhimento e na promoção do parto humanizado.	Conclui que o enfermeiro é essencial no enfrentamento da violência obstétrica, por meio de práticas humanizadas e orientação às mulheres.
3º	COSTA, Nataly Yuri et al.	2020	Revisão Qualitativa Descriptiva	Identificar a falta de conhecimento das gestantes e realizar ações educativas no pré-natal para orientá-las sobre violência obstétrica.	Evidencia a necessidade de abordar o tema: violência obstétrica desde o início da gestação para orientar e empoderar as gestantes.
4º	DA SILVA, Anny Caroline Costa et al.	2025	Revisão de Literatura Narrativa.	Identificar os principais problemas vivenciados pelas mulheres nas maternidades e apontar as formas de prevenir e enfrentar a violência obstétrica por meio da atuação do enfermeiro.	Conclui que o enfermeiro deve repensar suas práticas, oferecendo uma assistência humanizada, ética e focada na redução de dor e sofrimento das gestantes.
5º	DA SILVA, Erika Fernandes et al.	2025	Revisão de Literatura Qualitativa	O reconhecimento da violência obstétrica pelas enfermeiras obstetras, os desafios enfrentados devido à sua institucionalização e as estratégias propostas para humanizar a assistência ao parto.	A humanização do parto exige mobilização coletiva e mudanças estruturais e relacionais, com foco na escuta qualificada, no respeito à mulher e na prática ética do cuidado.
6º	ISMAEL, Fabiana Marques et al.	2020	Revisão Bibliográfica	Identificar fatores que contribuem para a violência obstétrica e destacar práticas inadequadas no pré-natal, parto e pós-parto que podem	Conclui que a atuação do enfermeiro obstetra é essencial para prevenir a violência obstétrica promovendo um

				gerar danos físicos e psicológicos às gestantes.	parto humanizado, seguro e respeitoso.
7º	DE SOUSA, Maria Patrícia Vitorino et al	2021	Revisão Sistemática da Literatura	Identificar que o parto pode envolver práticas dolorosas, negligências e condutas inadequadas que configuram violência obstétrica e geram traumas físicos e psicológicos.	Destaca a necessidade de reduzir práticas abusivas por meio de estratégias, programas e políticas voltadas ao cuidado seguro do binômio mãe-filho.
8º	LEITE, Tatiana Henriques et al.	2022	Revisão de Literatura Narrativa.	Evidenciar a falta de consenso conceitual, instrumentos não validados e escassez de estudos sobre consequências da violência obstétrica.	Essas lacunas dificultam a produção de evidências e a criação de políticas públicas eficazes.
9º	LIMA, Lusistela Cavalcante; DOS SANTOS SALGUEIRO, Lívia Cristina; DOS SANTOS, Tamysa Simões.	2022	Revisão de Literatura.	Revelar a persistência da violência obstétrica e destacar que o enfermeiro tem o papel central na prevenção, identificação de abusos e promoção do cuidado humanizado.	Conclui que a atuação humanizada da enfermagem, com orientação, acolhimento e respeito à autonomia da gestante, é essencial para prevenir a violência obstétrica e garantir um parto digno e seguro.
10º	OLIVEIRA, Mariana Roma Ribeiro de; ELIAS, Elayne Arantes; OLIVEIRA, Sara Ribeiro de.	2020	Estudo Qualitativo	As mulheres compreendem a violência obstétrica como experiências de dor física, sofrimento psicológico, pressão, falta de ajuda.	Fortalecer o pré-natal conduzido pelo enfermeiro, promovendo orientação e cuidado integral para prevenir a violência obstétrica é essencial.
11º	SILVA, Anny Caroline Maia et al.	2025	Revisão de Literatura.	Mostrar que o parto humanizado diminui a violência obstétrica e o enfermeiro tem o papel central na prevenção de intervenções desnecessárias.	Conclui que a capacitação contínua dos enfermeiros é essencial para garantir um cuidado respeitoso e eliminar práticas violentas no parto.

Fonte: Produção dos autores (2025).

Categoria 1 – Formas de violência obstétrica e suas manifestações

A análise dos artigos evidencia que a violência obstétrica constitui um fenômeno multiforme, se manifestando por meio de ações e omissões que causam sofrimento físico,

psicológico e emocional às mulheres durante o ciclo gestacional, parto e pós-parto. O conceito abrange práticas como desrespeito, negligência, pressão e intervenções desnecessárias, configurando um grave problema de saúde pública (Carvalho et al., 2023).

As práticas interventivas continuam sendo uma das formas mais recorrentes de violência, sobressaindo-se o uso indiscriminado de ocitocina, a realização de episiotomia sem indicação clínica, a manobra de Kristeller e as cesarianas eletivas não justificadas. Estas condutas, mesmo que amplamente discutidas e consideradas desatualizadas, ainda são naturalizadas em muitos serviços de saúde, refletindo modelos assistenciais pouco humanizados e centrados na intervenção (Bitencourt et al., 2022).

Além das intervenções desnecessárias, destaca-se a violência institucional, caracterizada por ambientes inadequados, ausência de acompanhante, falta de privacidade e negligencia no atendimento, fatores que comprometem diretamente a vivencia do parto e o bem-estar materno. Essa categoria de violência mostra desigualdades e padrões estruturais que ainda cruzam o cuidado obstétrico (Oliveira et al., 2020).

A violência psicológica é outra manifestação importante, apresentada por humilhações, comentários irônicos, desvalorização da dor e atitudes que minimizam queixas maternas. Tais comportamentos reforçam relações assimétricas de poder e impactam emocionalmente a mulher, podendo originar traumas duradouros e medo de futuras gestações (Oliveira et al., 2020).

479

Categoria 2 – O papel do enfermeiro frente à violência obstétrica

O enfermeiro exerce papel central na prevenção e identificação da violência obstétrica, atuando como profissional responsável pelo acolhimento, orientação e defesa dos direitos da gestante. Sua presença contínua no pré-natal, parto e puerpério proporciona a construção de vínculos de confiança e promove uma assistência que valoriza a autonomia e os desejos da mulher (Silva et al., 2021).

A literatura aponta que a prática baseada em evidências e nos princípios éticos que fundamentam o exercício profissional do enfermeiro é essencial para reconhecer situações de risco e intervir de forma adequada. A escuta qualificada, o respeito às escolhas maternas e a comunicação empática cooperam para desconstruir padrões autoritários e fortalecer o protagonismo feminino no processo de parto (Lins et al., 2023).

O enfermeiro em diversos cenários, assume o papel de mediador entre gestantes e a equipe multiprofissional, identificando condutas abusivas, garantindo a presença do acompanhante, apoiando o plano de parto e intervindo diante de situações de desrespeito. Tal postura torna o enfermeiro um agente fundamental para a promoção de práticas humanizadas e seguras (Araújo et al., 2023).

Além disso, o enfermeiro tem função educativa, orientando mulheres sobre seus direitos, procedimentos e possibilidades de escolha, o que diminui a vulnerabilidade e fortalece a autonomia no processo de parto. A atuação preventiva é essencial para romper ciclos de violência e promover um cuidado mais ético e consciente (Souza et al., 2021).

Categoria 3 – Estratégias de cuidado humanizado

As estratégias de cuidado humanizado estabelecem ferramentas primordiais para prevenir a violência obstétrica e promover uma vivência positiva de parto. Dentre as principais práticas destacam-se o acolhimento, o respeito às escolhas da mulher, a elaboração do plano de parto, a presença de acompanhante e o uso de métodos não farmacológicos para alívio da dor. Tais ações valorizam o protagonismo feminino e reduzem intervenções desnecessárias (Ismael et al., 2020).

480

A educação continuada é sinalizada como componente essencial para a transformação do modelo assistencial. A formação contínua capacita os profissionais a reconhecer práticas desatualizadas, atualizar condutas e incorporar diretrizes e fortalecer a postura humanizada da equipe, especialmente das enfermeiras obstetras (Lins et al., 2023).

Outra tática importante envolve a implementação de políticas públicas que orientem e apoiem a humanização da assistência, como a Rede Cegonha. Essas iniciativas visam reorganizar serviços, melhorar o acesso, garantir direitos e estabelecer práticas focadas nas necessidades da mulher, contribuindo para ambientes mais acolhedores e seguros (Araújo et al., 2023).

Além disso, a promoção de um ambiente de respeito, empatia e comunicação efetiva entre profissionais e gestantes é indispensável para a construção de vínculos e para a redução da ansiedade materna. Esses elementos fortalecem o cuidado integral e tornam o processo de parto mais seguro e humanizado (Ismael et al., 2020).

Categoria 4 – Desafios e perspectivas para a prática da enfermagem

Apesar da importância da atuação do enfermeiro, ainda permanecem desafios significativos no enfrentamento da violência obstétrica. Dentre eles, sobressaem a formação

insuficiente sobre humanização, a falta de preparo emocional, a ausência de educação permanente estruturada e a influencia de modelos especialistas que perpetuam práticas intervencionistas no cuidado (Bitencourt et al., 2022).

Os obstáculos estruturais dos serviços de saúde também representam impedimentos importantes, como sobrecarga de trabalho, número reduzido de profissionais, falta de materiais, ambientes inadequados e hierarquização rígida entre categorias profissionais. Tais fatores comprometem a autonomia da enfermagem e favorecem a reprodução de condutas desumanizadas (Oliveira et al., 2020).

Apesar dos desafios, a literatura destaca perspectivas promissoras, como o fortalecimento das políticas públicas direcionadas a saúde da mulher, a expansão das práticas humanizadas e a valorização da enfermagem obstétrica. Estes avanços auxiliam para transformar a cultura institucional e promover uma assistência mais ética, segura e centrada na mulher (Ribeiro et al., 2024).

A construção de um padrão assistencial livre de violência requer um investimento contínuo em formação profissional, melhoria das condições de trabalho e comprometimento das instituições de saúde. O compromisso ético e humanizado da enfermagem é essencial para assegurar um parto digno, respeitoso e alinhado aos direitos das mulheres (Araújo et al., 2023).

481

CONCLUSÃO

A violência obstétrica revelou ser um problema persistente nos serviços de saúde, manifestando-se por práticas desumanizadas, intervenções desnecessárias, negligências, violências psicológicas e ações que violam a autonomia das mulheres durante a gestação, parto e puerpério. A revisão evidenciou que esses comportamentos continuam associados a fragilidade institucionais e modelos assistenciais autoritários, evidenciando a necessidade de reorganizar a assistência com foco na humanização e no respeito aos direitos femininos.

O enfermeiro destacou-se como profissional central na prevenção e enfrentamento dessas violações, atuando no pré-natal, parto e puerpério por meio da escuta ativa, do acolhimento e da educação em saúde. Estratégias como plano de parto, métodos não farmacológicos de alívio da dor, comunicação empática, presença de acompanhante e incentivo à autonomia materna mostraram-se fundamentais para reduzir intervenções desnecessárias e qualificar a experiência do parto.

Apesar dos avanços, persistem desafios significativos, como sobrecarga laboral, limitações estruturais e lacunas na formação profissional. Conclui-se que o enfrentamento da violência obstétrica requer ações integradas que fortaleçam a formação profissional, reorganizem os serviços e promovam uma cultura institucional ética e humanizada. Neste contexto, o enfermeiro assume papel essencial na garantia de um parto seguro, respeitoso e livre de violência.

REFERENCIAS

BITENCOURT, Angélica de Cássia; OLIVEIRA, Samanta Luzia de; RENNO, Giseli Mendes. Violência obstétrica para os profissionais que assistem ao parto. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 22, p. 943-951, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/WTdCwpYf5CrLpWL5y4wYfMp/?lang=pt#>. Acesso em: 02 set. 2024.

CORDEIRO, Rafaela Martins et al. O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA À PARTURIENTE QUE SOFRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: REVISÃO NARRATIVA. *Scientia Generalis*, v. 3, n. 2, pág. 96-104, 2022. Disponível em: <http://www.scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/431>. Acesso em: 28 mai. 2025.

482
COSTA, Nataly Yuri et al. O pré-natal como estratégia de prevenção a violência obstétrica. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 12, p. e4929-e4929, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4929>. Acesso em: 07 nov. 2024.

DA SILVA, Anny Caroline Costa et al. O Papel do Enfermeiro na Prevenção e Enfrentamento da Violência Obstétrica: Práticas, Desafios e Estratégias de Cuidado Humanizado The Role of Nurses in the Prevention and Management of Obstetric Violence: Practices, Challenges, and. Disponível em: <https://ayaeditora.com.br/livros/LF004C30.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

DA SILVA, Erika Fernandes et al. VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA VISÃO DE ENFERMEIRAS OBSTETRAS. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 2, n. 02, p. 63-76, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20145>. Acesso em: 24 set. 2025.

DE SOUSA, Maria Patrícia Vitorino et al. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. *Nursing Edição Brasileira*, v. 24, n. 279, p. 3015-6024, 2021. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1707>. Acesso em: 07 nov. 2024.

ISMAEL, Fabiana Marques et al. Assistência de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde-ReBIS*, v. 2, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistateste2.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/152>. Acesso em: 24 set. 2025.

LEITE, Tatiana Henriques et al. Desrespeitos e abusos, maus tratos e violência obstétrica: um desafio para a epidemiologia e a saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 483-491, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022272.38592020>. Acesso em: 28 mai. 2025.

LIMA, Lusistela Cavalcante; DOS SANTOS SALGUEIRO, Lívia Cristina; DOS

SANTOS, Tamysa Simões. A importância da enfermagem nos cuidados contra a violência obstétrica The importance of nursing in care against obstetric violence. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 5, n. 3, p. 11295-11308, 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/49309>. Acesso em: 07 nov. 2024.

OLIVEIRA, Mariana Roma Ribeiro de; ELIAS, Elayne Arantes; OLIVEIRA, Sara Ribeiro de. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. *Rev. enferm. UFPE on line*, p. [1-8], 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243996/35217>. Acesso em: 07 nov. 2024.

SILVA, Anny Caroline Maia et al. Humanizando o nascimento: um olhar sobre o papel do enfermeiro obstétrico e a violência obstétrica durante o processo de parto. *Revista Multidisciplinar*, v. 38, n. 1, p. 1-16, 2025. Disponível em: <https://portalunifipmoc.emnuvens.com.br/rm/article/view/105>. Acesso em: 30 set. 2025.